

EDIÇÃO N°1

07/03/1864

O CLASSICO NOTICIONÁRIO

O GUARANI

Nesta Revista

ENTREVISTA COM VITIMA DE DESAPARECIMENTO

Entrevistamos um bandoleiro que dias depois desapareceria.

NOTÍCIAS DA SEMANA

Incêndio em mansão, índio se torna cristão e muito mais.

HERÓI OU VILÃO?

Matéria sobre como heroísmo é visto, e se ele realmente é uma coisa boa.

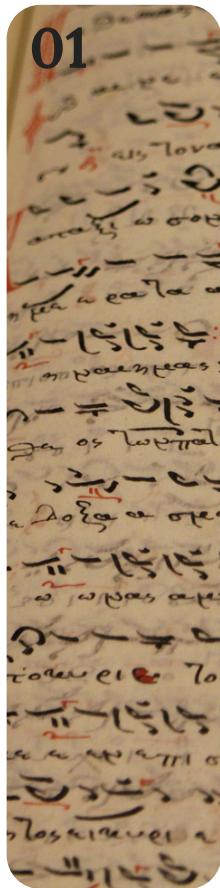
PASSATEMPOS

Jogos e outros tipos de diversão para você

Conteúdo

1. CARTA AO LEITOR

Uma introdução ao propósito desta revista, nossos autores, e também uma breve visão do nosso livro.



2. EDITORIAL

Nosso editorial feito por todos da equipe, com a intenção de mostrar a opinião dos escritores sobre o colonialismo moderno.

3. GALERIA DE IMAGENS

Uma galeria de imagens apresentando um pouco sobre tópicos menos específicos.



4. NOTÍCIAS DA SEMANA

O que se passou em nossa região essa semana, documentada por nossos mais estimados repórteres



5. ARTIGO DE OPINIÃO

Um artigo de opinião, feito por Caio Oliveira, contendo sua opinião sobre o Heroísmo e a glorificação dele.

6. HISTÓRIAS DA SEMANA

O que aconteceu nessa semana, que não pode ser considerado, propriamente dito, uma notícia



06

Conteúdo

7. ENTREVISTAS

Entrevistas exclusivas, feitas com José de Alencar e com o Bandoleiro.



8. PASSATEMPOS

Alguns passatempos para fazer em sua casa ou no caminho até seu trabalho.



9. BIOGRAFIA DE JOSÉ DE ALENCAR

Uma biografia da vida de José de Alencar, que inspirou e ainda não para de inspirar



08



09



Carta ao Leitor

É com grande honra que lhe apresentamos uma das histórias mais inéditas desta revista, Peri, o selvagem, apesar de não ser nobre, possuía uma valentia admirável, o índio, apesar de tantas façanhas, nunca deixou a fama lhe subir a cabeça, Peri deu o seu próprio corpo a ser comido para os Aimorés, lutou impetuosamente por D. Antônio e sua família com os próprios braços, teve a mãe natureza a seus pés, não veja Peri de forma supérflua ou superficial, porém, podemos ver como se fosse inevitável, a força emitida pelos Aimorés, que fez do reinado de Dom Antônio ruínas em um mísero instante, esta situação de fato já tinha um fim predestinado, a morte.

Os Aimorés representaram uma grande ameaça para os aristocratas, poderia ter se teorizado a princípio, que a morte da índia causaria um transtorno sem precedentes.

Enfim, o propósito de nossa revista é educar e informar o caro leitor, sobre o nosso livro “O Guarani” de José de Alencar. Desejamos que tenha uma ótima leitura, e que essa revista possa te trazer um pouco sobre o que esse livro significa para nós e o que pensamos sobre ele.

Ass: Equipe O Guarani.



A Colonização Moderna

Nosso editorial, feito para conscientizar o público
ao fato de que o colonialismo realmente existe, e
que devemos tomar ação contra ele.

Nosso Editorial

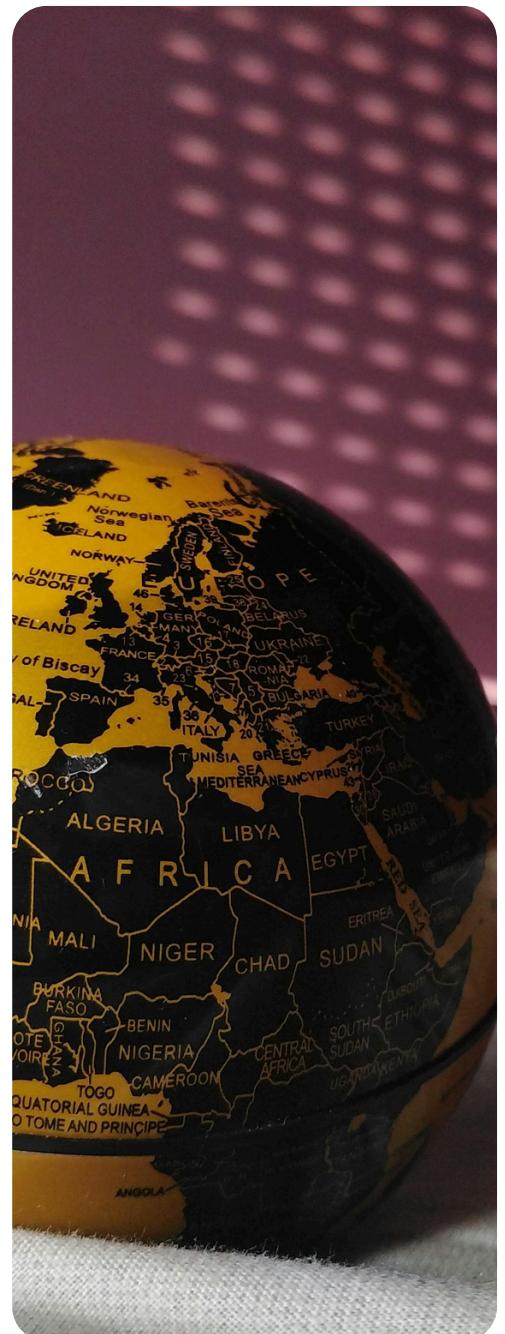
Feito pela Equipe O Guarani

Na atualidade, é possível que o colonialismo seja considerado basicamente extinto. Porém, esse pode não ser o caso. Na verdade, o colonialismo evolui, e se transformou. Vemos isso com países africanos, que séculos depois da escravidão, ainda são usufruidos por países como a China e a implementação da moeda francesa em países da África.

A China, á princípio, não parece ser um colonizador moderno. Porém, quando olhamos com olhar analítico, vemos como a China empresta dinheiro a países africanos a fim de obter influência na região. Vemos isso, por exemplo, na dívida de Djibuti, que subiu 33% após investimentos chineses.

O Franco CFA, que é utilizado por mais de 14 países africanos, requer que cada país utilizando-o deixe 50% de suas reservas no tesouro francês. Isso faz com que a França tenha um controle excessivo sobre uma multitude de países da África.

Portanto, deve-se compreender que o colonialismo ainda existe e não deve ser ignorado. Governos do mundo tem a obrigação de eliminar esse problema da sociedade moderna, porque o colonialismo é uma prática prejudicial e discriminatória.







TIMESÉ

AS HORAS EM SEGUNDOS

Na sua primeira compra, ganhe
10% de desconto em nossa
cooperativa e um lenço gratis

"Me senti violada", diz prefeita que teve vídeo dançando de biquíni vazado

Patrícia Alencar (MDB), prefeita de Marituba, cidade do Pará, alegou que vídeo foi postado em perfil pessoal e seguidor, que gravou a tela, divulgou filmagem

Grávida de Taubaté sobre polêmica: "Participava de seita"

Pedagoga que mentiu estar grávida de quadrigêmeos há 13 anos revelou que não sabia o que era o grupo

Mulher diz estar sem comer e dormir após recusar lugar no avião: "Não estou bem"

Jeniffer Castro disse que não trocaria de lugar, de maneira alguma, com a criança no voo

Ed Motta afirma que "qualquer um que ouve hip hop é burro" e gera polêmica

Cantor disparou frase durante live realizada em suas redes sociais, que logo viralizou

Ed Motta se pronuncia após comentário polêmico sobre hip hop: "Perdão a vocês"

Em live, cantor afirmou que “qualquer um que ouve hip hop é burro”

ÍNDIO SE TORMA CRISTÃO

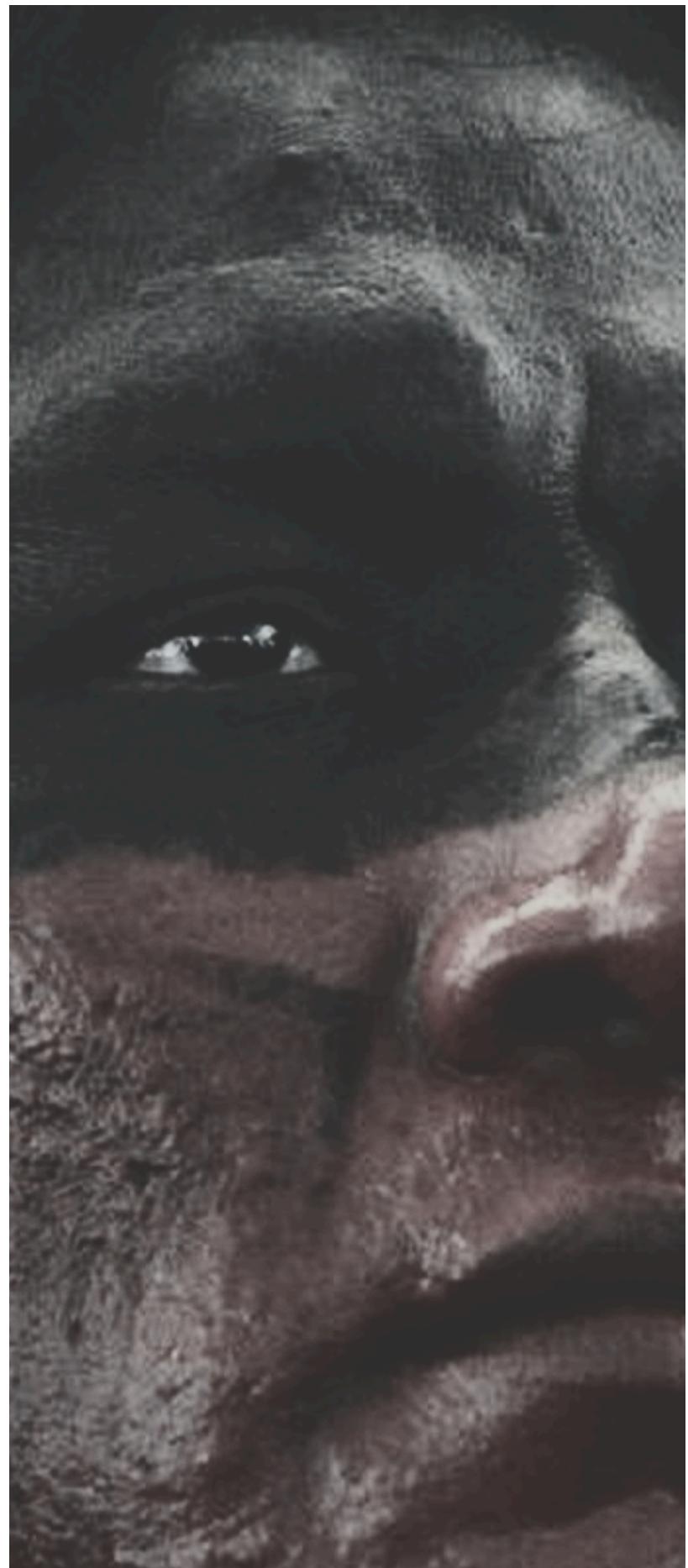
Senhor Antônio faz de Peri um cristão

Escrito por Caio Oliveira Barreto

Em evento sem precedentes no Rio de Janeiro, o cacique Peri, líder da tribo goitacá, recebeu o batismo das mãos de D. Antônio de Mariz. A conversão, ocorrida na casa do nobre português, concretiza acordo estabelecido após grave ameaça à vida de Cecília, filha do aristocrata.

A trama teve início quando Peri ofereceu cem guerreiros para proteger Cecília, gesto recusado inicialmente por D. Antônio. Diante da persistência do indígena, o nobre senhor aceitou, com uma condição: "Como cristão, tua palavra terá o peso da fé que nos une", disse o senhor, reconhecendo o caráter do aliado mas exigindo o reconhecimento religioso.

Após aceitar a proposta, Peri submeteu-se ao ritual, tornando-se o primeiro cristão de sua nação.





Revolta ocorre no casarão senhorial

Escrito por: Gabriel Palozi

Ontem a tarde, aconteceu o inesperado, a casa de Dom Antônio recebeu uma ameaça gravíssima de 20 de seus serventes, o líder de tal algazarra era Loredano, que de acordo com o homem, não tivera sido recompensado o suficiente, mas apesar de parecer uma revolta justa, aparentemente Loredano planejava saquear a residência e matar D. Antônio e os residentes do casarão, felizmente houve um inesperado, 4 homens da “infantaria” de Loderano se redimiram e lutaram contra os homens, apesar deles não ter conseguido seus planos, o grupo ainda oferece ameaça a segurança do senhor e sua família.





Chacará de Bandeirantes pega fogo

Escrito por: Guilherme da Silva Gimenes

Durante um dia calmo, a chácara do bandeirante da elite D.Antonio misteriosamente pega fogo, ele e sua familia seencontram desaparecidos sem qualquer traço ou elemento que indiquem onde foram ou se morreram.

O Bandeirante D. Antonio é um grande explorador do território brasileiro , seus trabalhos e expedições auxiliaram o país a crescer seu poderio e se espandir livremente. Ele possui dois filhos, D. Diogo de Mariz, um jovem de 21 anos, e D. Cecilia de Mariz, uma jovem de 18 anos. Morava junto de sua casa, sua sobrinha D. Isabel e sua mulher D. Lauriana.

No dia 24 de março de 1807, sua chácara pegou fogo sem indicios de ataque direto, junto dela queimaram pinturas, móveis e riquezas do bandeirante. Não há nenhum traço ou rastro que indique o paradeiro de sua pessoa ou de sua familia.

A policia está investigando o caso, suas unicas conclusões é que o incêndio foi proposital, o que implica que quem começou o fogo era um conhecido da familia; a policia suspeita de Loredano, que também desapareceu no dia do incidente e dos indigenas locais, visto que não seria errado assumir que D. Antonio faria inimigos durante sua estadia. Por enquanto, o caso continua em aberto e se torna uma página branca na história.

O HERÓI OU VILÃO?



O Heroísmo; o Mal escondido?

Escrito por: Caio Oliveira Barreto

O heroísmo pode ser visto como um ato nobre e bom, porém muitas vezes ele se torna uma simples desculpa para atos não éticos e até desumanos, como a violência e o assassinato.

Quando o Peri mata, o ato não é visto como repreensível, mas sim glorificado. Esses atos são feitos em proteção de Cecília, porém se entende que são excessivos e às vezes até descontrolados.

Apesar da fuga ser a opção mais prudente e pacífica, Peri oferece cem guerreiros para o que promete se tornar uma matança desnecessária e ainda sim é visto como ato heróico, inteligente e justificado.

Com isso em mente, o heroísmo pode não ser heróico e sim ignorante e ímbecil, visto que se pode cometer crimes pesados, e ainda sim ser glorificado ao mencionar uma só palavra. Por isso, deve-se entender que o heroísmo é bom, mas que se pense nas ações de indivíduos, e não só no que esse sujeito afirma fazer.





O Desrespeito ao Índigena no Brasil

Escrito por: Caio Oliveira Barreto

Em nossa sociedade o indígena pode ser visto como um símbolo nacional de orgulho e nacionalismo. Porém, muitas vezes o índio pode ser estereotipado, visto como inferior e até mesmo sofrer discriminações por isso. Muitas vezes ele pode ser visto como canibal, e como um animal diferente de pessoa.

Em O Guarani de José de Alencar, os Aimorés são uma tribo indígena que é antagonista de Peri e de Dom Antônio De Mariz. Essa tribo é, muitas vezes, referida como ‘Selvagem’ ou ‘Animalesca’, apesar de não apresentar tais características. O ataque a Antônio pode ser visto como uma forma de defesa pessoal, já que o filho de Antônio havia começado a luta matando uma índia da tribo Aimoré.

Também é importante mencionar o Estatuto do Índio, que apesar de ser uma lei progressista, ainda sim não garante a proteção total da terra indígena, visto que invasões e desmatamento de regiões indígenas ainda ocorrem regularmente. Apesar de tudo isso, um corte massivo de mais de 50% à saúde indígena ainda foi planejado para 2025, mostrando que o país ainda sim não avançou em relação ao tratamento indígena.

Com essa visão, é importante que, além do governo, nós como população devemos oferecer o respeito devido aos indígenas, tratando-os como os residentes originais que eles certamente são. Portanto, o Governo deve se movimentar e criar leis para proteger o indígena, assim comprindo sua obrigação.



Entrevista com José de Alencar

Nesta entrevista com o estimado autor José de Alencar, vamos conversar mais sobre o livro dele ‘O Guarani’, que foi feito no período do romance Indianista no Brasil. Iremos discutir sobre o que motivou ele, inspirou ele e sobre o que ele acha sobre seu livro.

1. O que lhe inspirou a escrever ‘O Guarani’?

A inspiração para O Guarani nasceu do desejo de forjar um mito de origem para o povo brasileiro. Eu olhava para nossa terra e via a natureza pujante e o elemento indígena, o verdadeiro senhor original deste chão. Peri não é apenas um índio; ele é a personificação da lealdade, da honra, da força telúrica desta terra. Ele é o nosso cavaleiro andante, com sua couraça de cobre e sua nobreza selvagem. A inspiração foi, em suma, a necessidade de dar ao Brasil um rosto heroico que fosse inegavelmente seu.

2. Qual a mensagem de seu livro?

A mensagem é o próprio Brasil em sua gênese. É a alegoria da formação de nossa gente. Em Ceci, temos a graça, a pureza e a civilização europeia, a semente transplantada para este novo mundo. Em Peri, como já disse, temos a terra, a força natural, o elemento autóctone em seu estado mais nobre.

A união desses dois, que à primeira vista parece impossível, é a mensagem central. O amor entre eles supera a raça, a cultura e a religião. E no final, quando as águas daquele dilúvio simbólico destroem o velho mundo dos colonizadores e dos conflitos, são eles, Peri e Ceci, que sobrevivem, levados pela palmeira, como Adão e Eva de uma nova estirpe. A mensagem é que a nação brasileira nasce do encontro – por vezes conflituoso, mas em sua essência, amoroso – entre o europeu e o nativo. É um hino à possibilidade de harmonia e à criação de uma identidade nova e singular.

Entrevista com José de Alencar

Uma entrevista com o autor de ‘O Guarani’

3. Qual é sua parte favorita de seu livro?

É como perguntar a um pai qual o filho predileto. Cada página, cada cena, foi concebida com um ímpeto de paixão. Contudo, se me pressiona a escolher um momento, meu espírito se volta para a cena final, a da grande inundação.

Ali não há apenas ação, há a apoteose do mito. A natureza, em sua fúria sublime, varre o passado de erros e cobiça. E no centro desse caos, vemos o triunfo do sacrifício e do amor. Peri, que já se provara um herói hercúleo em tantos momentos, ali se torna uma força da própria natureza para salvar sua senhora. A imagem dos dois, abraçados na palmeira que serve de arca, flutuando para um horizonte desconhecido para fundar uma nova civilização... essa imagem, para mim, contém toda a força poética e simbólica da obra. É o clímax não só da aventura, mas do ideal que eu desejava transmitir.

4. Você esperava que seu livro ficasse tão famoso?

(Um leve sorriso, misto de orgulho e modéstia)

Quando o escrevia, em capítulos para o folhetim do Diário do Rio de Janeiro, eu sentia o frêmito do público. Era o que os senhores hoje chamariam de "sucesso de audiência". As pessoas aguardavam ansiosamente o próximo capítulo, debatiam o destino de Ceci e as proezas de Peri nas ruas e nos salões. Eu sabia, portanto, que tocava uma fibra sensível na alma de nosso povo. Havia uma sede por esse tipo de narrativa.

Porém, que a obra atravessasse um século, e mais outro, que se tornasse leitura em escolas, que virasse ópera, que ainda hoje, neste seu tempo de maravilhas tecnológicas, gerasse interesse... Isso, confesso, é uma glória que ultrapassa a expectativa de qualquer autor. É a prova de que a história conseguiu se enraizar no imaginário da nação, e essa é a maior recompensa que um escritor pode almejar. A fama de um dia se esvai, mas a permanência no coração do povo é imortalidade.

Entrevista com José de Alencar

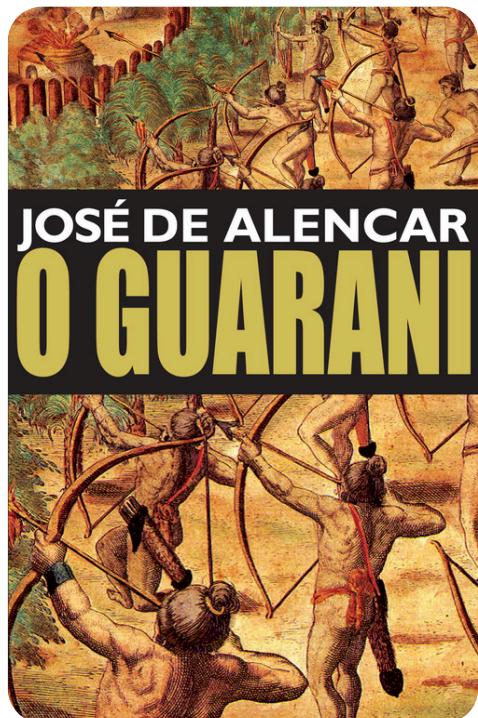
Uma entrevista com o autor de 'O Guarani'

5. Você diria que 'O Guarani' é seu melhor livro?

(Ele ajeita a postura, o olhar se torna mais analítico, como o de um crítico.)

O Guarani é, talvez, o meu livro mais emblemático. Foi o primogênito de um projeto literário de grande fôlego. Foi ele que abriu a clareira na mata, que mostrou ser possível criar uma ficção com temas, cenários e heróis brasileiros. Nesse sentido, seu valor é inestimável, é um marco inaugural.

Contudo, minha pena passeou por outras paragens. Em Iracema, por exemplo, busquei uma linguagem mais lírica, um poema em prosa para cantar a lenda do Ceará e a união trágica de nossa gente. Acredito que, em termos de humor poético, ali atingi um cume. Já em romances urbanos como Senhora ou Lucíola, despi-me do idealismo romântico para usar o bisturi da crítica social, para analisar as feridas e as hipocrisias de minha sociedade. Portanto, não diria que O Guarani é o "melhor", pois cada obra serve a um propósito distinto. Ele é a pedra fundamental, o grito de fundação. As outras são os diferentes cômodos e salões do edifício da literatura nacional que me esforcei por erguer. Cada qual com sua beleza e sua função.



(Com um leve aceno de cabeça, mantendo a postura digna.)
A honra, asseguro-lhe, é toda minha. Uma lenda, quiçá, pois já
não sou deste tempo. Mas se ainda vivo, é porque minhas
palavras encontram eco no coração de meu povo.

Meu maior anseio sempre foi servir ao Brasil, dar-lhe voz e rosto
através da literatura. Saber que este esforço ainda ecoa em seu
tempo é a derradeira recompensa.

Ser lembrado é a verdadeira imortalidade para um escritor.
Agradeço a distinta deferência. Meus mais sinceros
cumprimentos.



Entrevista com Bandoleiro

Entrevistador: Senhor Loredano, é honra nossa recebê-lo nesta folha. Dizei-nos, pois: que desígnios vos trouxeram às terras do Brasil?

Loredano: A honra é vossa, mas o peso das palavras recai sobre mim. Não vim por acaso, nem por aventura vã — foi a sina que me trouxe. Nas brenhas deste Novo Mundo, onde a mata é cerrada e o silêncio é de morte, há mais que feras e bravos: há segredos antigos, culpas por redimir e contas por ajustar. Dizei-me vós: onde melhor que neste vasto sertão para o homem fazer justiça com as próprias mãos?

Entrevistador: Muitos que lêem vossa história vos tomam por homem tenebroso, dado às sombras. É assim que vos vedes?

Loredano: Os homens apressam-se em julgar aquilo que não compreendem. Se nas trevas me movo, é porque a luz me foi negada. Não sou vilão — sou filho da dor, forjado pelo desprezo, erguido pela mágoa. A vingança, para mim, não é capricho: é mandato sagrado. Sou, porventura, espelho do mundo tal qual ele é, não como desejais que fosse.

Entrevistador: E sobre a donzela Cecília, filha do fidalgo — dizei-nos: havia amor em vosso peito?

Loredano: Cecília... (baixa os olhos, como quem vê longe) era como estrela na noite — resplendor inalcançável. Não a desejei como homem deseja mulher; antes, reverenciei-a como se reverencia imagem sagrada. Via nela o derradeiro vestígio de pureza entre ruínas nobres. Não era amor carnal, mas uma espécie de devoção triste, pois bem sabia que ela jamais seria minha — nem por destino, nem por merecimento.

Entrevistador: Se vos fosse concedido o poder de voltar atrás, mudariais vossa senda?

Loredano: Ai de mim! O tempo é rio que só corre para diante. Não me arrependo do que fiz, pois jamais me foi dado o luxo de escolha. Segui o caminho que a vida me abriu com espada e fogo. Se me coube pagar alto preço por tal ousadia, que assim fosse. Melhor morrer de pé do que viver curvado sob falsos juízos.

PASSATEMPOS

Palavras Cruzadas Diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

| | | | | | | | | | |
|---|---|--------------------|---------------------------------|--------------------------------|---------------------------------|------------------------------|---------------------------------------|-------------------------------------|------------------------|
| Festa religiosa do fim do ano | | | | A piscina destinada a crianças | | | Atividade religiosa comum no Carnaval | | Balcão de janela |
| Sua compra permite o saque do FGTS | | 1 | | Locais de boêmia | | 2 | | 2 | Dispositivo elétrico |
| Andar como bêbado | | | | | | 5 | 7 | 5 | |
| Pedaços de bolo | 4 | | | 6 | B | | | 2 | 2 |
| | | | | | | 5 | 3 | | |
| → F | 5 | | | | | 5 | | 4 | |
| Função do negrito, na impressão (Inform.) | 3 | 5 | Relativo à raça | 2 | | 5 | 4 | 5 | 7 |
| | | | "A (?) é fraca" (dito) | 2 | | 5 | | | |
| 2 | 5 | 7 | 4 | | | 5 | 2 | | |
| Consoante de "pão" | | Sensação de nojo | | | | 11, em algarismos romanos | | | Forte: Malhado (gíria) |
| Rural (abrev.) | | 7º planeta (Astr.) | | | | | | 5 | |
| Profissional como Flávio Fachel (TV) | 2 | | | Ritmo baiano | 5 | X | | Empresa de transporte aéreo (sigla) | 3 |
| | | | | (?) penada: fantasma | | | | | |
| → J | | 2 | 1 | 5 | 7 | | | 3 | 5 |
| Recipiente para preparar comida | | 1 | | | | 5 | O número como o 2 | | |
| | | | | | | 7 | Luta japonesa | 5 | 2 |
| → | 2 | | Conjunto de 500 folhas de papel | 6 | Em (?): no alto | | | | |
| A favor de; em prol de | | Detector de aviões | | | (?) Moscovis, ator | 4 | | | |
| | | Naipes do baralho | 2 | 5 | | | | 6 | 5 |
| | 3 | 5 | | O ácido presente na urina | | 2 | | | |
| Cobertura de casebre | | Burro em inglês | | | A menor das regiões brasileiras | 5 | | Interjeição de espanto | |
| Está (red.) | | → | 5 | 3 | | | | Artigo masculino (pl.) | |
| Em que há desordem | | ↓ | | | | | | | |
| Homem e mulher | | | 6 | | 7 | | 5 | | |
| | 4 | 5 | 3 | 5 | 7 | Peças que compõem a corrente | 7 | | 3 |

BARCOS.

A mesma qualidade
da Barca de Noé.*

Ligue 11 99999-9999 para comprar
seu BARCO™ hoje



* Frase inteiramente Promocional



JOSÉ DE ALENÇAR

- Nascido em 1º de maio de 1829, em Messejana, Ceará.
- Filho do político e senador José Martiniano de Alencar.
- Formou-se em Direito em São Paulo em 1850.

Principais Obras:

Romances Urbanos: Retratavam a vida e os costumes da burguesia do Rio de Janeiro.

- Lucíola (1862), Diva (1864), Senhora (1875).

Romances Regionalistas: Exploravam a cultura de diferentes regiões do Brasil.

- O Gaúcho (1870), O Sertanejo (1875).

Romances Históricos: Reconstituíam o passado colonial brasileiro.

- As Minas de Prata (1865), A Guerra dos Mascates (1873).

Morte e Legado:

- Faleceu no Rio de Janeiro em 12 de dezembro de 1877, aos 48 anos, vítima de tuberculose.
- É considerado o principal nome da ficção do Romantismo brasileiro e patrono da cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras (ABL).